

PENTAGRAMA

2004 NÚMERO 4

Revista bimestral do

LECTORIUM ROSICRUCIANUM



A GLÓRIA DO AMOR

O CANTO DE AMOR

PARÁBOLA DO NASCIMENTO DE UMA TAÇA

GUIA DO VIAJANTE

A ÁGUA BRANDA, COM O TEMPO, VENCE A PEDRA DURA

A VITÓRIA SOBRE O EU

O SOM DO UNIVERSO

COMO PRINCIPIA O DISCIPULADO?

O ERRO ESTÁ NOS OUTROS, NÃO É?

PENTAGRAMA

PARÁBOLA DO NASCIMENTO DE UMA TAÇA

Inconsciente, mergulhada na escuridão,
dorme a argila, a terra. Ao mesmo tempo, à luz do dia,
aguardam-na um mestre, uma roda de oleiro,
um lugar fresco, um forno, o espaço-tempo
e um espaço de consciência.



ÍNDICE

- 2 A GLÓRIA DO AMOR
- 8 O CANTO DE AMOR
- 10 PARÁBOLA DO
NASCIMENTO DE
UMA TAÇA
- 13 GUIA DO VIAJANTE
- 14 A ÁGUA BRANDA,
COM O TEMPO, VENCE
A PEDRA DURA
- 19 A VITÓRIA SOBRE O EU
- 26 O SOM DO UNIVERSO
- 31 COMO PRINCIPIA O
DISCIPULADO?
- 36 O ERRO ESTÁ NOS OUTROS,
NÃO É?

ANO 26
NÚMERO 4

A GLÓRIA DO AMOR

Alocução de A. H. van den Brul, membro da Direção Espiritual Internacional

O “corpo vivo” da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, que envolve a tudo e a todos, foi edificado para sustentar e acompanhar o aluno em sua caminhada e para que a grande obra que ela empreende com seus alunos culmine, um dia, no restabelecimento do homem-alma-espírito, pois a transformação e a transfiguração do homem e de seu microcosmo é o principal objetivo da Escola Espiritual. Ela é, em primeiro lugar, um “lar espiritual” dotado de um corpo vivo no interior do qual o aluno realiza o renascimento do homem imaterial, o celeste Outro.

Não é possível separar a Escola do discipulado. A forma material é inteiramente consagrada a uma construção espiritual que não é deste mundo. Os alicerces dessa obra maçônica encontram-se na Terra Santa, de onde procede a supranatureza. Assim, a Escola se torna, temporariamente, um mediador indispensável entre as duas naturezas: a supranatureza e a natureza dialética. Essa dualidade é encontrada no próprio homem que, segundo sua personalidade, provém da natureza terrena e, em virtude de seu microcosmo e da *mônada*, pertence à Terra Santa. Um obreiro espiritual, o que, na condição de alunos, sempre somos, está sempre consciente dessa dupla constituição, não só no interior de si mesmo ou em relação às duas ordens de natureza, mas também em relação a todo o Universo. Eis porque, de tempos em tem-

pos, a Escola Espiritual, inspirando-se nos antigos ensinamentos rosacruz, fala de dois sóis: o sol do mundo material, que torna possível a vida sobre a terra, e o sol espiritual, Vulcano, a força de vida que propulsiona todo devir espiritual. Também aqui esse princípio se reflete: de um lado, o mundo material onde tudo o que é de ordem espiritual está aprisionado, e de outro, o mundo espiritual onde a vida se encontra totalmente livre de todo laço material, onde toda forma de aprisionamento material está excluída, sim, é mesmo impossível.

QUESTÕES VITAIS

Desse modo, existe um sol terrestre, fonte de luz e de calor a serviço de toda existência transitória na matéria, e também um sol eterno, fonte e princípio original de toda sabedoria e de toda vida. Aqueles que, verdadeiramente, experimentam o despertar espiritual, aqueles em quem algo da luz do sol espiritual irrompe, esses conhecem um pouco de sua abençoada radiação. Eles aprendem a conhecer essa energia como a nova força kundalini, a nova energia vital nascida do pleroma. Enquanto o sol espiritual não se elevar na vida de um ser humano, este permanecerá nas trevas. Esse é um axioma que provoca inúmeras perguntas, tais como: O que é o mundo? O que é a humanidade e qual é seu destino? Por que os mistérios da vida e do Universo são tão insondáveis?



veis? Como p o d e m o s chegar ao conhecimento? Como alcançar a iluminação que nos liberta das trevas e põe um fim ao nosso vagarear no campo de vida material? São relativamente poucas as pessoas que encontraram, até agora, a via efetiva da iluminação, enquanto que a multidão daqueles que buscam em todas as direções é incontável.

Como é difícil aceitar o fato de que o sofrimento e o pesar intermináveis sejam a única colheita nos campos de vida do homem terreno! Consciência e intelecto, construídos em longas eras de desenvolvimento, continuam até hoje presos à existência material, apesar de a Terra Santa também pertencer ao cosmo sétuplo. Será que o ser humano não pode compreender tudo isso?

OS CICLOS DO TRABALHO ESPIRITUAL

O mundo e a onda de vida humana estão submetidos a ciclos, e no decorrer dos tempos o próprio trabalho espiritual obedece a uma certa periodicidade. O ciclo atual da grande obra de libertação desenvolve-se em harmonia com as emanações do *sol espiritual*. Isso explica o poder de antecipação da Fraternidade da Vida e o fato de a Escola Espiritual da Jovem Gnosis estar engajada, com todos os seus obreiros,

em um ciclo de desenvolvimento. O trabalho da Escola está subordinado a um plano que se realiza à medida que os obreiros se tornam conscientes de seu imenso alcance. Uma Escola Espiritual setuplamente manifestada não cai do céu: isso requer uma preparação muito séria, em diferentes níveis. Acontece que agora, o trabalho de construção material e espiritual chegou a um ponto crucial na curva de seu desenvolvimento. Permitam-nos examinar a situação à luz de algumas indicações dadas no passado por J. van Rijckenborgh a um pequeno grupo de alunos colocados diante de uma tarefa bem específica.

Na ocasião ele declarava: *Durante ainda uma centena de anos, o curso de desenvolvimento da humanidade dar-se-á ao ritmo de poderosas tônicas, de acordo com os ciclos do trabalho espiritual. Em 1924, a Escola Espiritual moderna apresentou-se no palco da história porque foi precisamente nesse momento que ela recebeu o mandato para efetuar um novo trabalho espiritual.*

Neste ano de 2004, a Escola comemora seus oitenta anos de existência. Voltaremos depois ao significado do número 8. Na mencionada alocução, J. van Rijckenborgh dizia: *Uma vez recebida a ordem para sua missão, o novo trabalho da Rosacruz moderna teve início no ano de 1925. Até então,*

Rosa dourada no portal de uma igreja em Pocatky, Chechênia. Foto Pentagrama.

a *Fraternidade da Rosacruz* trabalhara na movimentação espiritual desses tempos de gestação inspirando iniciativas tomadas por indivíduos isolados ou por pequenos grupos. Pensamos aqui nos muitos filósofos que marcaram a segunda metade do século XIX e o início do século XX, e dos quais muitos tomaram conhecimento. A vanguarda da literatura dessa época também dá testemunho de uma corrente de pensamento destinada a preparar o aparecimento do ensinamento transfigurístico que, de forma fragmentária, delineava-se no horizonte. Aqueles que tinham preparado o terreno do esoterismo cristão já não se encontravam mais neste mundo em 1925. Max Heindel falecera em 6 de janeiro de 1919 e, em seguida, Rudolf Steiner, em 30 de março de 1925.

Pois bem, amigos, assim procedeu a *Fraternidade*, e após esses numerosos e laboriosos preparativos chegou o tempo para a *Rosacruz moderna* manifestar-se e instituir uma escola espiritual, unida a uma escola interior de mistérios. Isso tomou impulso em 1925, com um trabalho de elaboração, de desenvolvimento e de ajuste, tendo em vista trazer ao conhecimento do mundo todo a existência da *Rosacruz* dos tempos atuais, como *Escola Espiritual da Jovem Fraternidade Gnóstica*. A finalização dessa construção necessitará de um período de aproximadamente cem anos, o que nos leva ao ano de 2025. E o autor denomina esse período de 100 anos o período da nova era do Espírito Santo, período esse durante o qual as radiações do Espírito sétuplo, do sol espiritual, impor-se-ão poderosamente ao estrato terrestre onde vivemos.

A ERA DO ESPÍRITO SANTO

Tudo isso será acompanhado de modificações atmosféricas e desordens sociais em escala mundial, de uma amplitude tal que o trabalho deverá ser interrompido por um curto período de tempo, o que felizmente não aconteceu até agora. Esse tempo difícil da história espiritual mundial, essa *era do Espírito Santo*, já se apresentou numerosas vezes. Esse foi o caso no Extremo Oriente, na Índia, no Egito, no Oriente Médio e na Europa Oriental; mesmo a Europa Ocidental conheceu semelhante episódio. O período atual presencia a edificação da Escola Espiritual, sua extensão, e sobretudo o trabalho de aprofundamento intimamente ligado à Escola de Mistérios.

J. van Rijckenborgh distingue duas etapas nesse intervalo de tempo: uma etapa de preparação, que dura quarenta anos e que vai de 1925 até 1965; a segunda etapa, a de desenvolvimento, em sessenta anos, que vai de 1966 até 2025.

Isto não quer dizer que após 2025 o trabalho deixará de se desenvolver. Com efeito, está previsto que a obra de libertação da Era de Aquário efetua-se em *diversas colheitas e processos seletivos*, tal como o assegura o autor em sua obra *Dei gloria intacta*, e essa obra prossegue até o ano de 2658. Evidentemente não é dito em que medida a Escola Espiritual participará, até lá, dessa realização. Daí a atualidade da exortação bíblica: *Trabalha enquanto é tempo; trabalha enquanto é dia*.

Nos anos passados, muitos dentre nós trouxeram uma grande contribuição ao esforço imenso de preparação e de desenvolvimento da Escola Espi-

ritual sétupla. Primeiramente foi necessário trabalhar o solo, seguindo as indicações inspiradas pela Fraternidade, depois semear, evitando as zonas pedregosas. Em seguida, foi necessário vigiar a fim de proteger o jovem rebento para que ele crescesse e o grão tomasse a cor dourada da maturação, antes que a primeira colheita pudesse ser levada ao celeiro. Assim, formou-se um grupo de obreiros, de ceifeiros, que teve de resistir às tempestades e aos assaltos da traição. Essa foi a imensa tarefa da qual os grão-mestres assumiram a responsabilidade como iniciadores da comunidade gnóstica atual. Do seio dessa comunidade surgiu um grupo de obreiros que assumiu a co-responsabilidade da direção espiritual, a fim de assegurar a dinâmica da grande obra.

O TRABALHO DA MOCIDADE

Mencionamos também que, nessa mesma alocução, J. van Rijckenborgh insistiu sobre a importância de formar um trabalho da mocidade, convocado a conhecer um desenvolvimento internacional dentro da perspectiva de expansão da Escola Espiritual. Tendo em vista os obreiros devotados a esse trabalho, ele dirigiu um alerta contra o perigo de uma orientação materialista e intelectual. Quando os obreiros da mocidade conseguem manter o trabalho livre desse perigo, muito se ganha com relação ao desvelo e à precaução pelas tenras almas dos jovens. Somente assim se preservará com certeza a *possibilidade* de um desenvolvimento espiritual da nova personalidade de um jovem.

Mais adiante, J. van Rijckenborgh diz que a totalidade da literatura rosacruziana tornar-se-á pública. Do mesmo modo ele prevê a construção de templos e edifícios em numerosos países da Europa e até mesmo além. A partir da Europa, a obra poderá, então, estender-se pelo mundo inteiro.

A EXPANSÃO DO CAMPO DE LUZ

De acordo com o Sr. J. van Rijckenborgh, o primeiro período de desenvolvimento terminou em 31 de dezembro de 1965. O segundo período teve início em 1º de janeiro de 1966 e deverá durar até o ano 2025. Durante todos esses anos que nos foram concedidos, o *fundamento vivente* foi estabelecido, e a partir de agora a construção eleva-se em sua plenitude sétupla, bem no meio do mundo. É certo que, no plano material, tudo isso foi realizado e não pára de se expandir. Porém, mais importante ainda é o significado espiritual dessa realização: o desdobramento de um poderoso campo de Luz, o fogo do Espírito. Os anos futuros serão amplamente consagrados à finalização dessa obra grandiosa. Uma nova geração de amigos prepara-se para isso. Em 2004, o grande trabalho não é tão-somente um plano, um projeto ou uma construção sem conteúdo. Ele se tornou um *corpo vivo* que envolve com seu campo astral magnético todos os focos e seus alunos, que são penetrados pela luz do Espírito sétuplo, pela luz do sol espiritual. Tudo isso com a única finalidade de conduzir cada aluno à iluminação interior, para que a partir da alma renascida e das fontes da luz gnóstica a

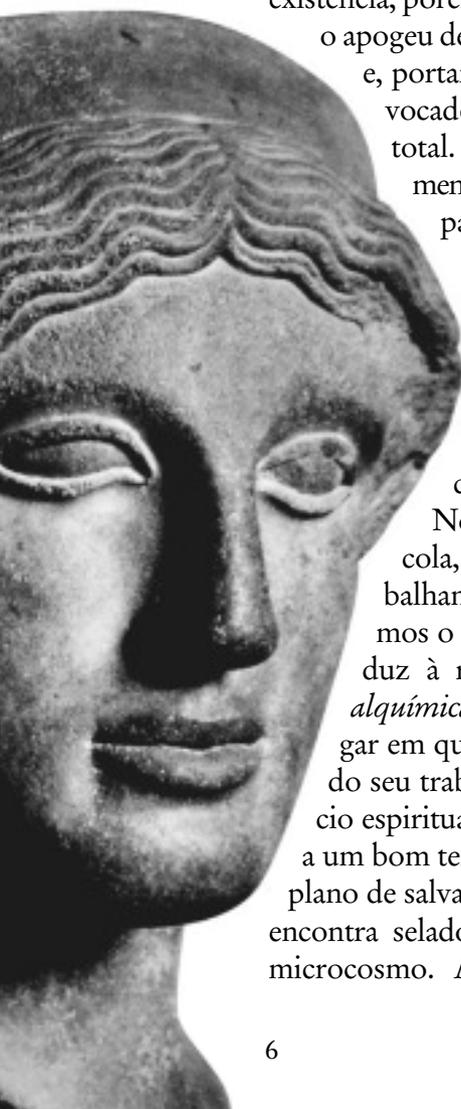
paz e o amor de Deus irradiem sobre o mundo e a humanidade. Trata-se de um trabalho urgente numa época em que as grandes tensões mundiais repercutem no próprio homem. Não é preciso descrever como as nuvens avermelhadas do ódio, da violência e da cólera inundam o mundo, ancorando-se no coração dos seres humanos, provocando um desespero indescritível e uma profunda aflição.

A TORRE DO OLIMPO

Neste ano de 2004, a Escola Espiritual comemora seus 80 anos de existência, porém ela não atingiu ainda o apogeu de seu trabalho mundial, e, portanto, todo aluno é convocado a um engajamento total. Queremos, primeiramente, olhar adiante e ver para onde nos leva o rio da vida gnóstica. Sabendo que fomos apanhados pela correnteza, queremos sondar nosso desenvolvimento e nosso crescimento interior. No lar espiritual da Escola, onde habitamos e trabalhamos, todos nós trilhamos o caminho que nos conduz à realização das *núpcias alquímicas*. Todo aluno, no lugar em que se encontra e segundo seu trabalho interior no edifício espiritual sétuplo, pode chegar a um bom termo se seguir o grande plano de salvação e libertação que se encontra selado no coração de cada microcosmo. A radiação monádica

projeta-se no aluno com a condição de que ele mantenha seu coração aberto e o santuário da cabeça preparado. E como não poderia ser de outro modo, o plano se realiza, visto que o aluno, segundo o modelo da arca sétupla da Escola, erige *em si mesmo* a torre do Olimpo e abre, um a um, os sete pavimentos. Não busqueis essa torre fora de vós mesmos, pois a encontrareis em vosso próprio sistema microcômico, em ligação com o *Lar Sancti Spiritus*, onde o Espírito Santo toca o ser humano.

Há quatro séculos, precisamente em 1604, Johann Valentin Andreæ redigia as primeiras páginas de *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz* sob o impulso da Fraternidade da Rosacruz. Hoje, quatrocentos anos depois, o teor dessa obra que dá testemunho dos Mistérios chegou à completa manifestação na Escola Espiritual atual. Não no sentido de uma revelação exterior do caminho seguido e realizado por Cristiano Rosacruz, porém no sentido de que é dada a todo aluno dos tempos atuais a possibilidade de percorrer inteiramente esse caminho. O aluno pode adentrar o *Lar Sancti Spiritus* que radia em luz, o topo da Escola Espiritual sétupla, ou ainda como ele é chamado: o oitavo pavimento da torre do Olimpo. A setuplicidade corresponde ao grandioso protótipo de Cristiano Rosacruz. A *Fama Fraternitatis* sempre o representa cercado de sete irmãos, ou seja, os sete aspectos do *Lar Sancti Spiritus*, sendo que Cristiano Rosacruz é o oitavo. Assim, revela-se para nós o misterioso número oito. Essa é a chave da abóbada do edifício espiritual, a aber-



tura para o horizonte maravilhoso da nova vida da alma, a grande porta aberta da eternidade. O aluno constrói sua torre interior, sobe os seus degraus e chega ao oitavo pavimento, que ele ainda desconhece, o pavimento onde o fogo monádico é liberado.

O CÂNTICO DO AMOR

Enquanto se consagra, assim, à realização da grande obra alquímica em seu ser interior, o aluno se junta aos outros alunos, em unidade de grupo e amor, e se coloca a serviço da Escola nos numerosos aspectos do trabalho.

O ano 2004 inscreve-se no grande trabalho sob a divisa do cântico do amor. Esse cântico ressoa no quinto dia das núpcias alquímicas de C.R.C., o cântico da paz interior que J. van Rijckenborgh transmitiu aos buscadores como fórmula-chave sétupla. É o amor de todos os seres que encontramos e com quem convivemos; o amor desta humanidade que tanto sofre num mundo em vias de se tornar ainda mais glacial e mais desumano. É o amor de todos aqueles que compõem o grupo da Escola Espiritual, grupo esse em que cada um, a seu modo, tudo oferece a fim de conduzir o seu discipulado a bom termo. Um amor e um estado de paz voltados para o trabalho de cada um dentro da Escola. Uma efusão de paz interior e harmonia, que parte da fonte de força da alma adquirida e que inunda de luz o caminho do discipulado.

Essa é a inspiração que anima o trabalho neste ano de 2004 e que irradiará do grupo de alunos. A *verdadeira inspiração* nasce no pensamento que

se eleva na Luz e se deixa penetrar totalmente. O pensamento passa da percepção à compreensão, à *Gnosis*, e, assim, vê o plano se desenvolver, a partir do núcleo irradiante no coração do microcosmo. O pensamento que se torna Gnosis pode compreender tudo através desse *novo entendimento* e prever todas as conseqüências. O mistério já não é um segredo, porém uma porta que se abre para o conhecimento interior. Eis uma citação extraída do *Bhagavad Gita*, o Cântico do Senhor: *O Todo-poderoso não imputa ao homem nem o bem nem o mal. É o obscurecimento do entendimento pelo não-saber que lança as criaturas no extravio. Porém, aquele em quem o conhecimento mediante a alma repele o não-saber, nele se ergue, como um sol, a mais elevada sabedoria.*

Referimo-nos, aqui, ao *sol espiritual*, que é sabedoria e amor. Esse sol radiante não pertence ao espaço nem ao tempo, e, contudo, está mais próximo que mãos e pés. Ele se revela em nós no mesmo instante em que os poderes espirituais da alma entram em atividade. A luz do sol espiritual emana do Espírito, que a oferece à alma, assim como se oferece um fruto.

*A luz brilha nas trevas,
a luz brilha para todos que estão no lar.*

Ela é a verdadeira *luz do mundo*: verdade, sabedoria, amor, três em um. Ela não conhece qualquer escuridão nem se põe no horizonte do tempo. Ela brilha para todos os que estão reunidos sob a árvore da vida, da qual é dito que recebe sua seiva do sol espiritual. Aos que se abrigam sob a abóbada de sua dourada folhagem, é dito: *Vós sois a luz do mundo.*

Vênus-Afrodite,
deusa do amor.
Atenas, século V a.C.

AS NÚPCIAS ALQUÍMICAS DE CHRISTIAN ROSENKREUZ

O quinto dia: O canto das ninfas

O CANTO DE AMOR

- I Nada de melhor há na terra
que o belo e nobre amor.
Com ele nos igualamos a Deus,
e ninguém aflige o outro.
Cantemos ao rei,
que todo o mar ressoe!
Perguntamos – respondei!*
- II O que nos trouxe à vida?
O amor.
O que nos devolveu a graça?
O amor.
De que nascemos?
Do amor.
Sem o que estaríamos perdidos?
Sem o amor.*
- III Quem nos gerou?
O amor.
Com que somos alimentados?
Com o amor.
O que devemos aos pais?
Amor.
Por que eles são tão pacientes?
Por amor.*
- IV O que permite tudo vencer?
O amor.
Como se pode encontrar amor?
Pelo amor.
Como se revelam as boas obras?
Em amor.
Quem pode fazer a união de dois?
O amor.*
- V Cantai todos agora
com voz sonora
em honra ao amor!*

*Que ele cresça
em nosso rei e em nossa rainha.
O corpo está aqui – a alma está lá.*

- VI Enquanto vivermos
Deus proporcionará que –
assim como o amor e grande
benevolência
outrora os separou com grande força –
possamos reuni-los novamente
pelas flamas do amor.*

- VII Este canto –
ainda que surjam milhares de gerações –
em grande alegria
se transformará eternamente.*

No quinto dia das núpcias alquímicas, Cristiano Rosacruz e seus companheiros embarcam nos sete navios. Todos eles se dirigem para a ilha onde se eleva a Torre do Olimpo. Embarcando no maior segredo, eles se encontram a bordo, levando os esquifes que contêm os corpos decapitados dos sete reis e das sete rainhas que simbolizam as antigas forças vitais da natureza, na esperança de que eles possam ressuscitar na ilha, graças ao sacrifício dos “fiéis companheiros”. Durante a travessia, as ninfas do mar oferecem a Cristiano Rosacruz uma pérola e entoam o hino ao amor.

A pérola simboliza a nova consciência. J. van Rijckenborgh diz que Cristiano Rosacruz, como candidato, recebe, no primeiro dia, um ferimento da frente. Como resultado de uma vi-



da plena de aspiração, o antigo cristal de vida lhe é tirado, o que constitui a mais elementar condição de um discípulo libertador. Seu ferimento lembra-lhe que o “cristal” da antiga consciência lhe foi arrancado.

No quinto dia uma “nova pérola” é-lhe ofertada, pérola essa que é o produto das sete forças do mar da plenitude de vida, Mare, a “mãe do mundo”. A nova consciência é inteiramente animada pelas sete forças do amor. Assim, devemos ver as ninfas como as puras novas forças naturais do novo estado de vida. O hino é composto de sete cânticos:

1. Não há nada mais belo e elevado do que o amor divino.
2. A onimanifestação provém do amor divino.

3. O que devemos a Deus e a nosso próximo? A irradiação efetiva desse amor.
4. De que maneira o mundo e o mal podem ser vencidos? Unicamente pelo amor divino.
5. Quem entoia o excelso canto do amor? Todos os que ressuscitaram na realeza do Espírito.
6. Eis por que há apenas uma oração no coração dos que experimentaram esse amor: que todos os que estão separados de Deus possam entrar nessa torrente unificadora do amor, e,
7. assim, na eternidade, conhecer o verdadeiro estado de vida humano-divino.

Ninfa da água, em pleno movimento. Fragmento de um baixo-relevo chinês.

J. van Rijckenborgh, *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, t. II, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1996, capítulos 17/18.

PARÁBOLA DO NASCIMENTO DE UMA TAÇA

Narrativa sobre o processo do devir da consciência humana, do princípio até sua elevada destinação, passando pelas numerosas fases de transformação

Inconsciente, mergulhada na escuridão, dorme a argila, a terra. Ao mesmo tempo, à luz do dia, aguardam-na um mestre, uma roda de oleiro, um lugar fresco, um forno, o espaço-tempo e um espaço de consciência. Não é qualquer tipo de terra que serve para fazer uma taça. É necessário argila. O que é argila? Podemos imaginar que ao longo de intermináveis processos, através de inumeráveis revoluções terrestres, rochas e minerais tenham se fendido, que após eras e eras esses minerais tenham sido levados para o mar, mergulhando nas profundezas oceânicas, onde jazem submetidos dia e noite à pressão do elemento aquático. Qual é a duração de uma noite e um dia cósmicos? Quantas mudanças climáticas, períodos glaciares, formações de geleiras e transformações geológicas foram necessários para trazer à superfície aquilo que por tanto tempo foi elaborado nas profundezas marinhas? Foi assim, pois, que surgiu a argila.

Após um tempo bastante longo, tudo fica coberto pela erva que cresce. Quem sabe onde encontrar a argila apropriada para a fabricação de potes? O mestre. Ele remove a camada de húmus e extrai a argila. Ele transporta a preciosa substância para o seu ateliê e a limpa. Inerte, a argila experimenta o contato, a mudança; faz-se luz à sua volta, porém ela nada sabe, nada compreende.

Tudo o que ela sente é a mão do

oleiro que a segura e a amassa. Ela é triturada, deformada, transformada. Um frêmito perpassa a massa fértil, ainda inanimada, mas ela nada compreende. Contudo, o processo teve início.

O artesão concebeu uma roda maravilhosa, contudo ele mesmo a aciona, pois a roda não pode girar por si mesma. E por que? Porque tudo deve retornar ao lugar de onde veio. A roda é fixada sobre um eixo vertical. Vertical, como o eixo das estrelas, orientado para o centro do Universo. Toda roda de oleiro possui um eixo orientado para o centro da terra. Os eixos dos carros obedecem ao mesmo princípio, porém, giram na posição horizontal.

Agora, o prodigioso prato rodopiante do mestre oleiro é posto em movimento, tendo sobre ele um fragmento de argila informe retirada do caos, ligado com o centro da terra por meio do eixo do prato.

O mestre toma em suas mãos experientes a massa informe. Sem hesitar, ele dá uma forma àquilo que, surgido do sem-forma, deverá receber um conteúdo, pois não existe conteúdo sem forma, nem forma sem conteúdo.

Ele começa dividindo a massa em duas partes e sobre ela borrija um pouco de água. Em seguida, introduz seus dedos na massa e dá-lhe uma forma. Então, como que por encantamento, tudo se transforma, e uma nova forma aparece. Úmida e luzente, a argila rodopia sobre o prato. Ela



sorri e exclama:
“Veja, esta sou eu!”

O mestre sabe o que faz; ele sente o que faz; ele trabalha de acordo com as regras prescritas por sua profissão. E assim se faz segundo a sua vontade: a argila transforma-se numa taça. Ela gira sobre o seu eixo interior. Portanto, ela não se desvia de sua predestinação e abandona-se totalmente às mãos do oleiro que a guia à sua finalização. Ao redor do eixo, sua forma se desenha no espaço.

Lao Tsé diz: *O vaso é feito de argila, mas é o vazio que o torna útil. A taça é um objeto útil.* O espaço nela criado pode conter tudo. Prisioneiro da taça, o espaço deixa-se ocupar, encher, esvaziar e conter. Ele nada deseja; quer apenas ser útil, servir.

Mas não avancemos tão rápido. No momento, ela ainda se alegra, diverte-se com as rotações que começam a diminuir até parar por completo. Como uma criança, a taça quer gritar: “Ainda mais uma vez!” Mas o oleiro a retira do prato. Então, ela sente aquela mesma dor indizível que experimentara quando o artesão a retirou da porção de terra que a gerou. Agora ele a retira do prato giratório cuja rotação lhe deu uma segunda natureza. Ela se recorda, então, de sua origem, das profundezas desta terra, onde nada era percebido da grande rotação.

Novamente ela experimenta o movimento de um amplo arco e depois permanece calma e tranqüila, aqueci-

da, mole e úmida, ao lado de tantas outras que lá se encontram. Ela olha ao redor e as vê, alinhadas, perto de si: são irmãos e

irmãs das mais diversas medidas e formas, todos com um aspecto brilhante. Sim, ela percebe o parentesco que existe entre todos. Mais adiante, no outro lado do secadouro, estão enfileiradas outras taças semelhantes. Estas, porém, têm um aspecto fosco e não dão a impressão de serem viventes. Elas são rígidas, secas, enquanto que nós, do lado de cá, expostos à luz, brilhamos!

Todos os dias, novas taças nascem das mãos do mestre. Ainda frescas e moles, ele as coloca para secar. Depois, à medida que mais espaço vai sendo liberado, ele as empurra mais para o fundo, cada vez mais longe da luz do dia, cada vez mais distante da doce umidade, para o frio. As recém-chegadas ocupam os primeiros lugares e olham à sua volta. Seu destino é tornarem-se sempre mais secas e aguardar em silêncio.

De tempos em tempos, o mestre vem buscar um grupo de taças secas e resfriadas para pô-las no forno. Esta é uma fase delicada que requer grande cuidado, a fim de evitar que qualquer peça se quebre ou trinque. Cautelosamente o mestre as enfileira, bem juntas, e quando o forno está cheio ele fecha a porta. Então, reina uma atmosfera de felicidade, pois agora elas sa-

Pequena xícara de chá com uma lua crescente e nuvens sobre fundo branco. Nonomura Ninsei, ca. 1660. Museu Nacional, Tóquio, Japão.

bem que nenhuma peça será rejeitada, nenhuma delas voltará à jazida primitiva, nem ao giro do eixo, nem à umidade. Todas aguardam em silêncio, pois ouviram dizer que algo de extraordinário e incrível deveria acontecer, que haverá luz. É o que dizem – mas ninguém sabe ao certo. Então, calam-se e aguardam.

O mestre, que organizou toda a operação, sabe o que faz, pois essa é sua profissão. Ele conhece suas criaturas, suas criações. A criatura sabe que é uma com o mestre. A alegria reina naquele momento: alegria do calor do forno, alegria do nascimento de novas taças. No forno, elas perdem suas últimas partículas de água através da ruptura das ligações químicas, e o fogo purificador propicia a maturação. Hora após hora, elas permanecem juntas no forno. Nas trevas do inconsciente surge algo como a alvorada. Os contornos se desenham. O olho interior abre-se e contempla. De onde vem essa claridade? Não se consegue ver nada. Não existe nenhuma chama, nenhum sol brilha. E, contudo, cada uma delas começa a perceber as outras com maior nitidez. É como a aurora, antes do nascer sol. Cada taça brilha delicadamente com um brilho interior, em completa calma e na consciência do eixo. A claridade vai aumentando, proveniente de uma reverberação interior. Em conjunto, elas são penetradas por um calor indescritível e pela luz irradiante, e permanecem nessa iluminação. Agora, elas sabem e se lembram do calor de onde surgiram: “Não fomos tiradas da argila por nosso próprio esforço; não fomos nós que erigimos o eixo em nós; não fomos purificadas no fogo mediante nosso próprio esforço.

Sem dúvida, nós somos; mas não por nós mesmas.

Fomos formadas conforme nosso eixo no Tao.

Nesse saber, tudo quanto é velho passou. Ficamos completamente endurecidas. Agora, tem início o resfriamento. Chegou o momento em que devemos aprender a ser pacientes, enquanto esperamos pelo novo. A passagem pelo fogo é um antegozo de uma realidade, de uma realização na luz eterna.

Agora as taças, embora ainda frágeis, têm uma utilidade, pois no decorrer do processo de nascimento elas aprenderam a esperar, receber, dar e servir.

Uma porta abre-se para elas; uma nova fase se inicia. Extraídas do espaço que, ainda há pouco era uma fornalha, elas são introduzidas em um mundo que arde com um outro fogo, um fogo terrestre. Elas ainda se mantêm enfileiradas. Mas, eis que chegam os novos mestres, os novos proprietários que as separam e selecionam.

A cada uma delas são atribuídos um lugar e uma função a cumprir. Com o passar do tempo, muitas delas envelheceram. Porém, não reclamam por conteúdo nem vacuidade, pois nada esperam. Elas se conservam, dia e noite, em total disponibilidade. Algumas delas são bastante apreciadas e muito preciosas aos olhos dos homens, enquanto que outras estão bastante danificadas. Que podem elas fazer além de existir? Não passaram elas também pela água e pelo fogo, e não foram formadas segundo o mesmo eixo vertical?

E o mestre? Do alto, ele contempla os eixos, e sorri. O eixo? Visto do alto, não passa de um ponto. Um ponto como um grão de pó de argila, como uma bolha de ar numa gota de água, como uma ínfima semente que arde no meu coração.

GUIA DO VIAJANTE

*Seguir a verdadeira senda não é fácil.
Mas quem conhece a meta
segue alegremente.*

*Se a senda parece difícil
pode ser devido ao peso
de quem a percorre.*

*O eu é o fardo mais pesado.
Quem dele se desligar
caminhará desimpedidamente.*

*Quem almeja a verdade
não caminha irrefletidamente;
ele pratica a equanimidade.*

*Cada um carrega dentro de si sua medida,
que lhe dá entendimento.*

*Onde o entendimento reina,
a vontade prepotente e todos os métodos
desaparecem.*

*A sabedoria de hoje não é a sabedoria
de amanhã, e, no entanto,
a verdade é única.*

*Quem busca, alerta, a verdade
todos os dias e sempre
com ela será gratificado.*

*Quem aspira à nova consciência
agradece por ela à Luz e à Verdade.*

*As coisas que o homem
sempre vivencia na senda
ocorrem de modo que ele possa
examinar-se e colocar-se à prova.
Isso confere significado às coisas!*

*Aquele que caça erros os atrai para si
e logo cai no fosso
do qual só queria examinar os peixes.*

*As fraquezas são o quinhão
do homem exterior.
Delas o homem interior é livre.
O homem interior conhece
a força da alma vivente;
somente ela lhe dá a salvação.*

*Quem quer vencer os obstáculos
somente tem por alvo a meta: a Luz.*

*Abre tua alma à Luz,
Na claridade não há treva.*

*Fraqueza e imperfeição pertencem
ao mundo passageiro.
Elas se dissolvem no poder da
Eternidade.*

*O homem é um dente de engrenagem
num mundo imperfeito.
Mas o poder da grande transformação
liberta-o dessa tarefa.*

*Ele se transforma,
e o mundo todo se transforma com ele.*

*A nova respiração segundo Freher.
"Volta-te para o Uno que possuis em ti mesmo para
resguardá-lo e tu te tornarás movimento perpétuo."
Paradoxa emblemata, século XVIII.*



A ÁGUA BRANDA, COM O TEMPO, VENCE A PEDRA DURA

*Lenda que relata a composição do Tao Te King por Lao Tsé
na rota do exílio, por Bertold Brecht*

Aos setenta anos, enfermo,
o mestre aspirava à tranqüilidade,
enquanto que, no país,
o declínio do bem anunciava,
mais uma vez, a chegada do mal.

Calçou os sapatos
e pôs na sacola apenas o necessário
– pouca coisa, em verdade:
o cachimbo que gostava de
fumar à noite,
seu livro de cabeceira
e um pouco de pão branco para
a jornada.

Pela última vez regozijou-se
ao olhar para o vale que abandonava,
antes de encetar o caminho
montanhoso.
O búfalo ainda mastigava
um pouco de erva fresca
enquanto caminhava,
levando às costas o ancião.

No quarto dia da jornada,
num desvio do caminho,
foram parados por um coletor
de impostos,
que os esperava entre os rochedos.
“Tendes algo de valor a declarar?”
“Nada.”
Porém, o rapaz que conduzia o búfalo
acrescentou:

“Ele carrega um ensinamento.” Isso,
com efeito, era um valor a declarar.
E o homem, elevando o tom de voz,
perguntou: “E o que ele diz?”
“Que a brandura da água, com
o tempo, vence a pedra” –
disse o rapaz.
“Como vê, a dureza é vencida.”

Para não perder os últimos clarões
do dia,
o rapaz fustigou o búfalo,
e os três logo desapareceram
por detrás dos escuros pinheiros.

Logo, porém, o homem se apressou,
gritando: “Ei, esperem!
Que água é essa, ó Venerável?”
E o ancião lhe perguntou:
“Isso te interessa?”
“Sou apenas um cobrador de
impostos,
porém me interessa também
saber como ser vitorioso.
Se sabes, dize-o para mim!
Põe por escrito!
Dita-o para o rapaz!
Não guardes isso só para ti.
Vem até minha casa;
lá eu tenho papel e tinta, e também
algo para o jantar. Moro logo ali
embaixo.
Concordas?”



O velho olhou-o por cima do ombro:
veste remendada, pés descalços,
uma só ruga na testa.
Ah, não era um vencedor
que aí se apresentava!
E murmurou: “Tu também?”

Sábio demais para recusar
um pedido educado,
o Ancião disse:
“Quem pergunta, merece uma
resposta.”
E o rapaz acrescentou:
“Já começa a esfriar.
Uma pausa nos faria bem.”

O Venerável apeou do búfalo.
Durante sete dias eles se ocuparam
em escrever. O empregado trazia
o que comer, e já não blasfemava,
senão em voz baixa,
contra os contrabandistas.

Na manhã do oitavo dia,
o menino entregou ao homem
oitenta e um aforismos e, agradecendo
pelo pequeno viático que receberam,
os dois viajantes e o búfalo
deixaram o local de abetos
e desapareceram por detrás dos
rochedos.
Que dizeis disto: existe
maior polidez?

Portanto, não louvemos unicamente
o Venerável, cujo nome ornamenta
o livro.
Uma vez que ao sábio é preciso
roubar a sabedoria, agradeçamos
também àquele que guardava
o caminho,
pois foi ele quem fez o pedido.

Com doçura, a
água adormecida
durante séculos
acaba desgastando
as asperidades da
pedra. Turquia.
Foto Pentagrama.

“Se o Tao pudesse ser definido, ele não seria o eterno Tao. O nome que pode ser pronunciado não é o nome eterno.” Esse aforismo do Tao Te King deixa claro que Lao Tsé não tinha qualquer intenção de escrever um tratado, pois a “verdade absoluta” não pode ser fixada pela palavra falada nem pela escrita.

O homem comum não cessa de minimizar o bem e de reforçar o mal. Lao Tsé se coloca além dessa dualidade; ele se liga a um outro campo vibratório. Ele nos faz lembrar dos “Lohans”*, os sábios da antiga China, que conseguiam antecipar os conflitos, dissipando-os antes mesmo que se manifestassem.

Lao Tsé, montado num búfalo conduzido por um jovem rapaz, abandona o domínio da instabilidade. Aqui, o búfalo se torna um servidor paciente e amigável. Ele simboliza os instintos naturais dominados, a força da alma domada e purificada. A juventude do rapaz é a imagem da manifestação em um novo campo de vida e da eterna juventude do mui venerável *Lao Tsé*, cujo nome significa: o ancião.

TENDES ALGO A DECLARAR?

As fronteiras separam os países, os domínios, as esferas de influência, os campos de vida, e determinam o raio de ação de seus respectivos habitantes. Elas são controladas e somente podem ser cruzadas se respeitarmos as leis em vigor, antigas e recentes. Assim também, simbolicamente falando,

a chave vibratória da alma deve ajustar-se à porta do novo país.

OS TRÊS DESAPARECEM POR TRÁS DOS ESCUROS PINHEIROS

Não existe nenhuma descrição do país para onde Lao Tsé se dirige. É apenas um “nada”. O território do sábio é ilimitado. Ele é tão-somente um transeunte; se for preciso, ele prodigaliza o auxílio enquanto caminha para a plenitude infinita. Caminhando a seu gosto entre o limitado e o ilimitado, ele persegue sua missão. Tendo escolhido o eixo vertical, Lao Tsé, assim como o faz todo homem, forma a cruz do mundo.

TERÁ ELE GUARDADO ALGO PARA SI?

O guarda da fronteira controla cada viajante que deseja cruzar a zona limítrofe, enquanto que ele mesmo não a atravessa. Para poder passá-la é preciso ter-se tornado em um “habitante do limite”. Em geral supõe-se que o guarda se enriquece ao receber imposto, o pedágio pela travessia. Neste mundo, sempre existe um tributo a ser pago. Tudo é medido, pesado, contado, avaliado e taxado, o que prova que aqui ninguém vive em unidade. Certamente, o coletor de impostos deverá refletir longamente antes de ser capaz de avaliar, por pouco que seja, a Sabedoria e dela querer a sua parte.

QUE DIZES DA ÁGUA, VENERÁVEL?

É sem hesitação, mas sem entusiasmo, que Lao Tsé oferece sua sabedo-



月關杖履逢
中怪時節更相宜
吐故珠影
畫之
何為村
畫

Uma grande calma sob a lua. Tu Chin, ca. século XV.

ria e dispensa sua energia. Ele permanece sempre na neutralidade.

Seu tributo ao mundo é o *Tao Te King*. Ninguém consegue passar a fronteira sem pagar. Para isso, é necessário pagar um “resgate” indispensável. A Bíblia fala de “resgatados da terra”. Certamente, os contrabandistas tentam passar a fronteira despercebidos, para prejuízo do guarda alfandegário, e assim escapar ao pagamento da taxa e tirar a sua parte do lucro. Contudo, eles terão de pagar pelas conseqüências de seus atos no plano cármico. Essa é uma lei implacável, porém justa. Lao Tsé não dá apenas o dízimo de seus bens eternos – ele dá tudo, pois a sabedoria universal é indivisível, ela é a plenitude de uma outra ordem. O valor buscado pelo guardião manifesta-se nas seguintes palavras: “A água branda vence a pedra dura”.

A DUREZA DESAPARECE

A água não consegue amolecer a pedra. Ela não luta contra o mineral. Mas, por força de seu incessante deslizar sobre a pedra, como se fosse uma carícia de amor, ela acaba por desgastá-la. A sabedoria de Lao Tsé flui sobre a humanidade à semelhança da água sobre a pedra, e faz o seu trabalho. Como prova disso temos as incessantes reedições do *Tao Te King* e o interesse que ele sempre desperta.

Como finas gotículas de água muito pura, a Água Viva derrama-se sobre o mundo. A pedra é o símbolo da matéria bruta, cristalizada, onde o homem decaído encontra-se aprisionado. Porém, as forças espirituais da verdadeira vida desagregam a materialidade grosseira de sua natureza, penetrando-o e liberando, pouco a pouco, o espírito nele encerrado.

NÃO GLORIFIQUEMOS APENAS O SÁBIO

É preciso que a sabedoria seja desejada. Lao Tsé diz: “Quem pergunta merece uma resposta”. Isso é uma lei. Se não houver pergunta, não haverá resposta. Uma pergunta que não seja de ordem puramente intelectual, e se feita com sinceridade, sempre atrai uma resposta de acordo com a qualidade do pedido. “Batei e abrir-se-vos-á.” O ensinamento universal não é simplesmente lançado ao mundo exterior.

Quando um morador do limite deseja a sabedoria, ele não recebe apenas uma parte da verdade, mas a verdade toda. Uma pergunta essencial recebe uma resposta integral. Por causa de sua função e vocação, o guardião da fronteira deve conhecer o valor dos objetos a declarar, determinando-o rigorosamente antes de reclamar a sua parte. O morador do limite tem necessidade de ajuda, e por isso ele se dirige àquele que está além do limite, àquele que foi libertado; ele pede auxílio ao sábio, porém a conquista da verdade é sua incumbência.

Portanto, agradeçamos também àquele que guardava o caminho, pois foi ele quem fez o pedido.

* Os Lohans, primeiros discípulos de Buda, tornaram-se Bodhisattvas, os salvadores da humanidade. Inicialmente em número de doze, depois dezesseis, e dezoito, eles chegaram por fim a quinhentos, representando, com isso, uma grande radiação. São representados montando um búfalo ou como vigilantes silenciosos.

A VITÓRIA SOBRE O EU

Às vezes acontece de sermos tocados pela Luz de modo inesperado. Um poema de infância que surge por acaso e faz vibrar uma corda sensível de nosso ser, ou talvez um ensinamento que desperta uma súbita compreensão e lança sobre nossa vida e comportamento uma nova luz.

Um buscador que conhece algo do ensinamento do Lectorium Rosicrucianum sabe que a noção da coexistência de dois campos de vida ocupa nele um lugar central. No primeiro campo, a maior parte de nossa atividade é voltada para a construção e a consolidação de nossa existência humana natural. O segundo campo de vida, muitas vezes discutido e aprofundado na literatura da Escola da Rosacruz Áurea, é desconhecido, confuso e vago para grande parte da humanidade. Essa noção de duas ordens de natureza choca-se com uma recusa categórica daqueles que negam a existência de Deus e do princípio espiritual existente no homem. Aqueles que têm uma vaga suspeita disso não sabem como orientar sua busca.

Muitos aspiram a um tipo de felicidade não terrena e a perseguem de todas as maneiras possíveis.

Por fim, há a pequena minoria dos que são subitamente apanhados pela imagem de um princípio vivente que reconhecem em si mesmos e em seus semelhantes. Eles são tocados pelo pesado sofrimento individual e coleti-

vo, e perguntam-se: Por que não posso fazer nada? Eles procuram, então, respostas junto a mestres ou na literatura mundial. J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri falam em seus livros de uma centelha do espírito, de um princípio espiritual, de um princípio de luz de essência divina, presente no interior do homem. Esse princípio imanente, em ligação direta com o segundo campo de vida, engloba, por sua vez, o homem e nele se encontra como uma promessa, como o plano de um novo devir.

É algo excepcional quando o buscador reconhece a presença do homem-espírito em si, mesmo que ele compreenda que não é esse ser espiritual, mesmo sabendo que há um caminho infinitamente longo que leva ao novo campo de vida. Os rosacruzes clássicos diziam: “Algumas plumas de águia ainda se encontram no caminho”.

Fundamentalmente ele pertence ao primeiro campo de vida, que requer toda sua atenção e talentos. Estes últimos, embora indispensáveis à existência comum, nada têm a ver com os atributos do novo homem latente. Este é um ponto de partida fundamental: nenhuma das qualidades do “eu” serve de base ao surgimento do novo homem.

Todos os movimentos espirituais que existiram no passado mostraram, e todas as futuras tentativas mostrarão, que o ser-eu pertence ao primeiro campo de vida. Somente o homem-alma pertence à segunda esfera de vida, também chamada Reino por Jesus

Um guarda monta
em Alta Escola.
Nobuzame, por
volta de 1200



Cristo, Nirvana por Gautama, o Buda, ou o novo campo de vida pelo Lectorium Rosicrucianum.

Portanto, não é estranho que na história existam traços de movimentos que se esforçaram para neutralizar o “eu”, já que esta é a condição *sine qua non* para o renascimento do homem espiritual interior. O “eu” vive na ignorância, diziam os antigos gnósticos.

É a Gnosis, o “conhecimento do coração” que dá o verdadeiro “saber” interior e liga o homem à *Sophia*, o ser-luz original. Na Idade Média, o velho homem, o velho Adão, foi declarado totalmente inapto, e sobretudo um instrumento do diabo. Um novo “Cristo” devia vir para salvar a alma humana e conduzi-la ao seu Reino. Grandes movimentos espirituais como o dos

bogomilos, dos paulicianos, dos cátaros, ao norte da bacia mediterrânea, ensinavam a *endura*, que tinha por finalidade fazer morrer o “velho homem” – de forma simbólica, mas não menos real – para sua natureza terrestre, a fim de que ele renascesse segundo um tríplice processo. Tendo vencido o mundo, a nova alma, plena de alegria, dá o primeiro passo no caminho das estrelas.

À margem oriental do mar Mediterrâneo desenvolveu-se a sabedoria árabe. Com o declínio do Império romano, o Ocidente, despovoado e inculto, fez as primeiras tentativas de estabelecer uma vida social. Em toda a península árabe e na Pérsia, irradiou-se uma civilização rica em conhecimento, inovadora em matéria de física e química, e que levou ao apogeu a estética oriental. No início, o islã elevou bem alto a bandeira da tolerância e da hospitalidade, mas logo os últimos detentores da gnosis egípcia viram-se forçados a entrar na clandestinidade.

Isso não aconteceu somente com o islã ou com o cristianismo, mas com toda religião dogmática e autoritária que impõe regras que entravam o caminho para um encontro livre com o Espírito do campo de vida original. Foi assim que, em reação à ortodoxia do islã oficial emergiu uma “via interior”, a busca do caminho para Deus.

O SUFISMO CLÁSSICO

Assim como a supressão de um livre desenvolvimento interior, suscitada pela ignorância, faz parte do ser humano, assim também faz parte de sua natureza a propensão à busca por uma via de acesso ao divino, e isso jamais pode ser suprimido por muito tempo. Uma compreensão interiorizada do Corão e de outras escrituras

sagradas fez surgir uma nova prática de vida, libertando seus adeptos dos entraves sociais, do dogma imposto e dos valores da época. Aqueles que seguiram esse caminho foram chamados “sufis”, devido ao nome que se dava à veste de lã que usavam. Inúmeros escritos do século IX ao século XIII trazem à luz o caminho sob ângulos diferentes.

O interesse que as explicações e as reflexões referentes ao período do “sufismo clássico” apresentam é, ainda hoje, fundamental para os praticantes. As descrições relativas às experiências que demarcam a aprendizagem, bem como as numerosas parábolas, testemunham da profundidade alcançada pelo homem que, tendo se tornado uno com a Gnosis, renasce para uma nova aurora.

Felizmente, foram conservados numerosos vestígios dos trabalhos sufis que tratam da vitória sobre o “eu” graças a uma orientação que encontra o seu ponto central em Deus. Essas obras descrevem aquilo que os cátaros chamavam *endura*, a via na qual o eu capitula diante da alma divina interior que desabrocha.

Considerações detalhadas alternam com uma abundância de sentenças curtas que levam à reflexão. Elas mostram que os esquemas de pensamentos convencionais, que servem de guia aos desgarrados, são totalmente impróprios para o caminho de libertação da Alma. Esses escritos revelam que vive-se o caminho “no presente”, em nossa vida cotidiana, e que cada passo é dado na Luz disponível a cada instante.

A VIAGEM E O OÁSIS

Atravessar o deserto é um empreendimento suicida para aquele que previamente não avaliou as distâncias

entre as etapas, não localizou os oásis, as zonas de sombra, os poços, e não administrou previdentemente os recursos alimentares e a manutenção da montaria. Por analogia, os sufis distinguem diferentes “estados” (*hal*) e diversas “etapas” (*magam*) pelos quais o peregrino deve necessariamente passar.

Daí a comparação entre a viagem através do deserto e a caminhada do buscador da verdade. Cada passo implica num esforço conscientemente orientado. Para um, trata-se de encontrar sombra, um poço, um oásis; para o outro, uma faceta do ensinamento, uma fonte de aprofundamento para a consciência. Ambos buscam um meio de avançar e não sucumbir. O oásis é o símbolo do templo iniciático, a aquisição interior, o tecer do novo manto da alma.

A viagem segue o seu curso. As etapas se sucedem, mas as aquisições permanecem. É dito: *Cada mudança de estado de consciência é um dom.*

A viagem, o percurso mesmo, é uma graça. Essa progressão ao longo dos sucessivos estados de consciência é o fruto de pura magnanimidade, embora um esforço extremo, da parte do candidato, seja necessário. Mas a cada etapa sua aquisição é uma posse firmemente estabelecida que lhe permite passar à etapa seguinte.

Al-Ghazzali, um teólogo árabe, ligou-se ao sufismo após anos de pesquisa e tentou conciliar a ortodoxia islâmica e o sufismo; mas semelhante tentativa era, por definição, fadada ao fracasso.

Espírito sistemático, esse autor distingue três aspectos para cada estágio: o ensinamento, o estado de consciência e o comportamento. Ele diz: *A compreensão é o cepo da árvore. Ela gera os estados de consciência que correspondem aos ramos, que por sua vez*

geram um comportamento que corresponde ao fruto. Isso se aplica a todos os estágios do caminho que conduz a Deus.

Na prática, as experiências da vida não se desenvolvem de modo tão regrado assim, a não ser na literatura. Na realidade, as diferentes fases e estados de consciência se interpenetram e se influenciam mutuamente. Nisso não há nada de surpreendente, pois podemos constatar numerosas variantes sobre esse tema.

ARREPENDIMENTO (*TAUBA*)

A primeira etapa a vencer no caminho, segundo o sufismo, é o arrependimento ou conversão (*tauba*). Quão justo e irrefutável é isso! Especialmente se considerarmos a noção *tauba* como sendo *a consciência torturante de se estar separado da vida original*. Essa é a primeira força requerida para nos desviarmos do caminho largo da religiosidade inconsciente, a da massa, *sharia*. Isso só é possível graças a uma consciente inversão no caminho de vida (freqüentemente devida a fatores exteriores) e encetar um novo comportamento, *tariqa*.

Uma linda conta que *uma noite o sufi Ibrahim Ibn Adham ouviu um ruído no telhado de seu palácio em Balkh. Os servidores encontraram lá um homem que, levado diante de Ibrahim, fingia procurar no telhado o camelo que tinha perdido. O príncipe, em vista do absurdo da empresa, repreendeu-o acerbamente. O homem disse a Ibrahim que suas tentativas de encontrar a paz celeste e uma autêntica vida espiritual em meio a todo aquele luxo era igualmente tão absurda quanto procurar um camelo no telhado. A essas palavras, Ibrahim experimentou um profundo arrependimento*

e se afastou de suas riquezas.

Uma mudança, uma reviravolta repentina pode acontecer por ocasião de circunstâncias fortuitas, dando início a uma nova fase de desenvolvimento da consciência. Segundo os textos, trata-se de um momento decisivo em que, pela primeira vez, a pessoa se volta conscientemente para o campo de vida original, para Deus. Um golpe de sorte, uma decepção ou um encontro particular podem servir como desencadeadores desse processo.

Elevado por um instante acima de sua consciência comum, o buscador “contempla” o ideal a ser alcançado. O importante é que, *quando o coração desperte de seu sono indolente, o homem veja sua condição lastimável, pelo menos em relação a esse ideal.* Tudo isso ele recebe porque a graça lhe é concedida e a divina admoestação se faz ouvir no mais profundo do ser, com o ouvido do coração.

A prática de *tauba*, contudo, levou um grande número de sufis a uma tal aversão pelo mundo que eles caíram no outro extremo: ascese e pobreza tomaram a amplitude de um fenômeno cultural, em vez de permanecer apenas um contingente.

DESPRENDIMENTO E POBREZA (FAQR)

O pobre é tão monopolizado por sua pobreza quanto o rico o é por sua riqueza.

Para os observadores, a rejeição do mundo é o aspecto mais surpreendente do sufismo. Os tratados abundam em exemplos de vida de pobreza (*faqr*) e de afastamento do mundo. Essas interpretações tipicamente exteriores de uma condição interior exercem uma influência daninha sobre os candidatos, especialmente os principiantes. Por meio de uma redução de

sua dieta alimentar e longos períodos de jejum, o candidato espera chegar ao desprendimento do mundo e desse modo ser agradável a Deus. Riqueza e preocupação com bens materiais, como em outras religiões, podem ser consideradas obstáculos ao caminho espiritual, o que resulta que a ascese e a total negação do mundo material tornam-se, não raro, o orgulho do sofrimento. Um sábio instrutor observava que um excesso de ascese e de negação nada mais é que uma “expressão de ansiedade e medo”. Essa manifestação de ansiedade diante da ordem de natureza na qual vivemos é tão perniciosamente quanto um excesso de riqueza e de opulência. Trata-se tão-somente de conhecer suas possibilidades e limites inerentes a cada circunstância.

A aversão pelo mundo consiste em considerar as coisas em seu aspecto efêmero, de modo que elas percam, aos nossos olhos, toda importância, facilitando-nos a tarefa de nos afastarmos delas.

Numerosos sufis consideram a pobreza e a ascese como a indicação de sua vitória sobre o mundo, seguros de que sua vida exterior reflete seu estado interior. Mas, para aqueles que buscam uma vida interior, não é o mundo que constitui o principal obstáculo, e sim o eu.

Trata o teu eu como algo sem importância, embora inevitável. Aquele que é mestre de seu eu é poderoso, aquele que se deixa governar por ele é fraco.

Os desejos e as tendências que levam o homem à ação são associados pelos sufis aos impulsos instintivos e à alma-sangue, *nafs*. O *nafs* é um sedutor, pelo qual não se pode deixar levar.

A alma (terrestre) é como um cavalo diabólico. Quando soltamos as rédeas, podemos ter certeza de que seremos derrubados.

Algumas biografias mostram que uma mudança intervém na vida do sufi quando ele vê os verdadeiros obstáculos e seu caminho não é mais caracterizado pelos extremos, por privações, tanto no plano externo quanto no interno. O desprendimento interior é fruto da compreensão. Enquanto a pobreza exterior está ligada à aparência, a pobreza interior está estreitamente relacionada com o “diminuir” (literalmente: desfazer-se), com a “rendição” – um estado ulterior.

Não me devolvas aquilo que me retirastes e não me deixes ver o meu eu, após teres dele me protegido.

CONFIANÇA EM DEUS E AUTO-RENDIÇÃO (TAWAKKUL)

A confiança em Deus é um estado de despreocupação interna e externa, resguardado pela solicitude plena do amor de Deus.

Ela representa o próximo estágio importante no caminho do sufi. É um estado de consciência extremamente rico e inspirador, como testemunham estas duas citações:

Encontra o repouso aquele que impele o amor aos confins do seu coração. Quando o coração está vazio, a renúncia ao mundo aí penetra, prodigalizando a confiança em Deus.

Mas o contrário também é correto:

Quando a confiança em Deus floresce de maneira sadia, a renúncia também vigora, pois a justa confiança em Deus possibilita a renúncia correta.

Essa fase da renúncia e do desprendimento é de grande importância e também cheia de nuances, pois se relaciona à libertação das forças do eu que dirigem a personalidade, e isso não pode ser feito às pressas. Uma nova consciência nascente e responsável deve servir de fundamento ao processo.

Grande vigilância e compreensão são necessárias ao candidato que também tem de dispor de uma boa estabilidade interior, de um equilíbrio de alma. Somente então ele pode confiar inteiramente seu destino ao próprio Deus interno.

Possuir total certeza, denomina-se fé, tawakkul.

PACIÊNCIA (SABR)

A paciência é para a fé o que a cabeça é para o corpo. Ela consiste em permanecer em harmonia tanto na provação como no bem-estar. A longanimidade perfeita (sabr) diante dos golpes do destino e do pesar representa, no Oriente Médio, um dos pilares da senda. Distinguem-se três níveis de realização:

1. esforçar-se por ser paciente,
2. suportar pacientemente as tentações,
3. mostrar-se paciente em todas as circunstâncias.

Essa sutil distinção é um exemplo da extrema precisão com que os sufis definem as fases e os estados internos do caminho. Inúmeros relatos atestam da necessidade da perseverança e da paciência. Aqui, a figura clássica que descreve a vitória sobre o eu, a travessia do deserto, é bastante utilizada. É uma força especial que faculta o exercício da paciência, uma força graças à qual, no final de um longo treinamento, o candidato chega à impassibilidade interior. De um lado há a orientação indefectível para Deus – a perseverança com Deus – e de outro lado, a abertura constante para a força divina na hora da tentação – a perseverança sem Deus. São tantas as pedras que se acumulam no caminho! Para alcançar o objetivo é preciso superar inúmeros obstáculos, o que é ilustrado pela curta história que segue:

Um dia, um homem chegou à casa de Ash-Shibli e perguntou-lhe: Qual é a prova mais difícil de suportar para aquele que se exercita na paciência? Ash-Shibli respondeu: A paciência em Deus. Não, disse o homem. Ash-Shibli: A paciência para Deus. Não, disse o homem. Ash-Shibli: A paciência com Deus. Não, disse o homem. Ash-Shibli: Então, o que é? E o homem respondeu: A paciência (de tudo suportar) sem Deus. A essas palavras, Ash-Shibli gritou tão forte que quase rendeu a alma.

AMOR (MAHABBA) E
DIMINUIÇÃO (FANA)

O amor é o fruto da compreensão. Se por um lado o amor terrestre nos liga a uma outra pessoa, a um objeto ou a um interesse qualquer, por outro lado o amor divino possui uma totalmente outra definição: é a força que conduz de etapa em etapa, ao longo de um caminho de evolução, até se tornar um estado de consciência. Assim, o conceito *Arif*, aquele que possui o entendimento, aplica-se freqüentemente aos sufis avançados.

Al-Ghazzali escreveu: *O amor sem a compreensão é impossível, pois não se pode amar o que não se conhece.*

Na literatura sufi, a noção “bem-amado” representa um papel importante, pois a pessoa amada é o símbolo da ligação com o divino. *O amor – é dito – é um fogo no coração, que queima tudo o que o amado não deseja.* O amor, nascido do conhecimento interior, representa o último estágio do caminho. No início, é a obediência absoluta a um mestre (*shaikh*) que é exigida do candidato. O estágio final é marifa, o conhecimento interior divino. Somente o candidato avançado conhece a força e o potencial do verdadeiro amor servidor, que é a única

via de reintegração com Deus. Para um simples fiel da religião muçulmana (islã significa submissão [à vontade de Deus]), é quase impossível ultrapassar o estágio de obediência a um mestre. Por isso, coloca-se o amor no mesmo nível que a diminuição do eu.

O amor devotado a Deus, que não exclui nenhuma parte da criação, alimenta-se da aspiração à revelação divina e se consolida pelo rasgar dos véus que impedem a contemplação da transcendência interior.

Após o esquecimento temporário, há a *asnai*, o conhecimento reencontrado da origem. O estágio de diminuição do eu é indispensável para encontrar o conhecimento do início absoluto e do esplendor da eternidade. Este último degrau no caminho da iniciação sufi não é, em realidade, um fim. Poder-se-ia dizer que aqui se perde o rastro daquilo que nossa consciência natural pode conceber.

A partir daí, o sufi caminha para o verdadeiro objetivo da existência humana, o advento do homem-espírito, a realização final do plano divino. Embora seja impossível comunicar algo sobre esse nível de elevação do processo, pode-se, contudo, decodificar os escritos redigidos pelos mestres a seus alunos.

FONTES:

Traduções do árabe para o alemão por Richard Gramlich:

Muhammad al-Ghazzalis Lehre von den Stufen zur Gottesliebe. Steiner Verlag, 1984.

Islamische Mystik. Sufische Texte aus zehn Jahrhunderten. Kohlhammer Verlag, 1992.

Das Sendschreiben al-Qushairis über das Sufitum. Steiner Verlag, 1989.

Weltverzicht. Harrassowitz Verlag, 1997.

Reinert B., *Die Lehre vom Tawakkul in der klassischen Sufik.* De Gruyter Verlag, 1968.

Wehr H., *Al-Ghazzalis Buch vom Gottvertrauen.* Niemeyer Verlag, 1940.



O SOM DO UNIVERSO

Na aurora dos tempos, o som era o poder de manifestação do Universo e sua força de coesão. Na Bíblia lemos que o Verbo ressoou no princípio e criou os mundos. Nos textos hindus, lemos que Vishnu, o cantor supremo, despertou os mundos à existência. E na Estância III de A Doutrina Secreta, H.P. Blavatsky escreve: “A vibração se propaga, e suas velozes asas tocam o Universo inteiro e o germe que mora nas trevas; as trevas que sopram sobre as adormecidas águas da vida”.

Muitos textos fundamentais evocam, de modo um tanto velado, a origem do tempo e dizem que o som é uma emanção do Incognoscível, que suscita e mantém a existência de todas as coisas.

No *Conceito Rosacruz do Cosmo*, Max Heindel fala a respeito da propagação das ondas sonoras ou vibratórias, da seguinte forma: *Quando fazemos vibrar um de dois diapasões afinados exatamente no mesmo tom, o som induzirá a mesma vibração no outro. Fracamente a princípio, mas, se*

continuarmos a golpear o primeiro, o segundo diapásão emitirá um som cada vez mais alto, até atingir um volume de som igual ao primeiro. Isso ocorrerá mesmo com diapásões a vários metros de distância. Ainda que um deles esteja encerrado num vidro, o som do golpeado penetrará o vidro e a nota-resposta será emitida pelo instrumento (páginas 328/329). Para que dois diapásões produzam a mesma vibração, é necessário que ambos estejam afinados no mesmo tom. As vibrações exercem uma influência sobre a matéria. Elas podem tanto construir como destruir. Todos conhecem a experiência que consiste em espalhar um pouco de pó bem fino sobre uma placa metálica ou de vidro e em seguida passar um arco de violino pela borda da placa. As vibrações produzidas farão o pó assumir diversas formas geométricas. A voz humana também é capaz de produzir tais figuras; sempre a mesma figura para o mesmo som.

Disso conclui-se que nenhum corpo pode entrar em ressonância, a partir de um som inicial, se não possuir uma “tônica” correspondente. Conhecemos a ligação existente entre os sons e as cores. Ambos são fenômenos vibratórios. A cada som corresponde uma cor específica. Chega-se mesmo a falar de cor sonora. De acordo com sua intensidade tonal, um mesmo som pode comportar nuances claras ou sombrias. As cores tornam as formas visíveis; assim, podemos compreender que os sons produzem formas.

OS SONS GOVERNAM A VIDA

O raio de ação das vibrações não se estende somente ao domínio da expressão oral, mas também ao do plano

emocional, pois a palavra pode tanto reconfortar como destruir. Podemos ver-nos afetados pelas vibrações de estados emocionais, tais como a cólera, a maldade e o pesar. Sabemos que a música exerce uma influência, por vezes de elevação e até mesmo curadora, mas também de deslocação psíquica, nivelando as massas por baixo; basta pensar no uso repetitivo de sons tonitruantes nas produções musicais contemporâneas. Imerso nesse caos sonoro, o ser humano, sempre em busca de equilíbrio, de felicidade e de bases firmes, esforça-se para permanecer de pé e progredir da melhor forma possível.

Na vida, encontrar um parceiro traz uma certa plenitude. Duas pessoas que se encontram em consonância mútua têm a sensação de conhecer a harmonia. Essa experiência, contudo, não acalma por muito tempo a sensação de incompletude proveniente da ruptura com o som primordial de nossa origem, com o som que permanece ligado ao nosso ser. A harmonia encontrada com o parceiro não consegue fazer-nos esquecer da *ruptura fundamental* com a origem.

O sofrimento e a dor que experimentamos por ocasião da perda de um ser querido são igualmente o sofrimento e a dor da perda daquela ressonância, daquela unissonância da nota fundamental comum ao casal. Sentimo-nos, então, mais desamparados, talvez porque a harmonia de um casal crie um sentimento de segurança. Estamos, então, sozinhos diante de nós mesmos, sem ao menos querermos atenuar, por pouco que seja, o sofrimento e o vazio deixados pelo desaparecimento do amado ou da amada. É sempre por meio de um acontecimento trágico e violento em nossa vida que somos levados a um

Tocadores de flauta e de lira. Tumba de Leopardi, Tarquinia, Itália, Ca. 500 a.C.

ponto de ruptura interior e confrontados com o “por que?” Uma pessoa consciente não evitará a pergunta sobre o sentido da vida.

E se o desejo por uma resposta for um autêntico grito do coração, a vibração emitida despertará o *som primordial*. A pessoa em questão será atravessada como que por um relâmpago e impulsionada sem qualquer equívoco a uma busca interior. Aquela que se deixa guiar por esse impulso categórico acabará entrando em contato com o *som primordial* em seu íntimo. Esse som é Espírito, conhecimento e vida.

O VERBO DO PRINCÍPIO

O Verbo que ressoa *no princípio* é o *som criador*, a vibração que se propaga sobre as trevas e as toca, e não deve ser confundido com os sons percebidos por nossos ouvidos. Os sons que ouvimos são apenas sons *externos*. O Verbo é a ressonância interior do Espírito; ele é luz, força, alegria e vida na energia original. Ele ressoa incessantemente, criador e glorioso, livre do espaço e do tempo. Carregado pela corrente descendente, o homem original mergulhou no mundo da matéria, e o som primordial que nele ressoava enfraqueceu. Tendo se tornado uma criatura voltada para o exterior, ele agora dificilmente percebe a voz do Verbo. Quem dá o tom agora é a personalidade-eu. O *som primordial* foi recoberto por uma multidão de ruídos, tanto externos como internos. É com muito custo que as pessoas ouvem umas às outras, e mais difícil ainda é ouvir o seu próprio som, seu próprio *silêncio* interior. O homem, que a princípio foi concebido para ser um instrumento destinado a fazer ressoar as harmonias da alma, para servir

de caixa de ressonância para o som divino, desapareceu. Ele se voltou cada vez mais para o exterior, fascinado pela matéria, e acabou cristalizando-se. Agora, o homem e a matéria são uma só coisa. A lei do subir, brilhar e declinar, a lei do equilíbrio dos opostos, tornou-se a sua lei. Concebido para se tornar um homem-espírito participante da realização do plano divino, ele acabou se tornando apenas um homem terrestre.

Não obstante, o *som primordial* permaneceu latente em sua alma. Ele já não o ouve, mas cada momento de “abertura” pode se tornar uma oportunidade para seu ressurgimento. Na vibração original o homem encontra a lembrança da direção a ser tomada para alcançar a harmonia, para ocupar o seu lugar no plano do Logos, do Verbo. O campo de vida que o cerca e que é gerado por seu corpo etérico, seu corpo astral e seu corpo mental, não mais conhece a harmonia, pois esses corpos retiram suas forças apenas do campo do mundo circundante que não já não responde ao *som primordial*. O comportamento dos seres humanos, em todos os domínios da vida, acabou transformando com o tempo as vibrações da atmosfera em algo bastante pesado para que pudesse entrar em ressonância com o puro som original. Assim, no mundo como no homem, a voz primordial, *a voz do silêncio*, está morta.

Tal como um planeta repellido para um outro sistema solar após ter abandonado sua órbita, a onda de vida humana abandonou, em tempos imemoriais, sua espiral original e, desse modo, perdeu sua natureza inicial, seu rumo primitivo. Agora, devido ao afastamento da espiral original, a vibração planetária encontra-se bastante distanciada daquela do princí-

pio, e o som original está como que sufocado em nós.

Apesar disso, o *som primordial* não parou de ressoar no Universo. Em razão de sua essência, ele tende a reenviar à órbita original o que se desviou e se perdeu, tanto em escala cósmica como em escala microcós mica. O *grande som* vem ao encontro da vibração inferior do microcosmo que lhe é aparentado com o objetivo de permitir uma nova harmonização. Isso explica porque duas vozes falam em nós: a voz da natureza terrestre e a voz do *som primordial*. Essas vozes são duas vibrações totalmente diferentes. Aprender a reconhecê-las já nos permite fazer a escolha. O desgarrado pode reintegrar a corrente original tão logo esteja em condição de reagir harmoniosamente à vibração irradiante e chamadora do som primordial.

A PURIFICAÇÃO DO SOM E DA COR

Como pode o ser humano encontrar o som puro? Isso é possível mediante a elevação da vibração do som que nele ressoa. Para tanto, ele deve vigiar a qualidade de seus pensamentos, de seus sentimentos e de suas ações e colocá-los em harmonia com as intenções do plano original. Ele deve, por todos os meios, esforçar-se para se harmonizar com o som do princípio espiritual nele depositado. Conseqüentemente, a personalidade se torna mais transparente, e o som e a cor se tornam mais puros. A personalidade “manifesta a cor” e se ajusta ao diapasão de uma vibração mais elevada. Ela adquire uma nova radiação que se explica por um processual retorno à via do Original. No *Tao Te King*, Lao Tsé testemunha disso:

“A senda” é a causa primeva compreendida em si mesma.

Ela era, é e será por toda a eternidade.

Sua onipotência está limitada pelo espaço e tempo.

De seu “Logos” nasceu a alma do mundo.

O reto caminho é “vibrar em seu ritmo”,

reconhecer em cada respiração a universalidade.

Fundir-se em sua radiante luz, de modo que somente subsista a vontade que tudo anima.

É-nos concedido o poder de escolher seguir o caminho do som original e despertar nosso ser interior para uma vida nova. O ritmo do som libertador embala-nos como um doce cântico, como um segredar melodioso – o sussurro do rio divino. Nesse estado, a sonoridade inferior do homem purificado reencontra sua freqüência primordial, sua “terra nutriz”. A pessoa que se torna consciente do que se passa em sua alma subtrair-se-á cada vez mais aos clamores deste mundo, a fim de melhor perceber, de ouvir o silêncio, a elevada vibração que nela ressoa. E, pouco a pouco, o novo som que ela emite, que transmite, entrará em ressonância e despertará essa mesma sonoridade em outras pessoas, na luz de cores ardentes. Para tanto, não são necessárias muitas palavras. O ressurgimento da “tônica original” na alma desperta-a e incita a um comportamento purificado. Assim como dois diapasões entram em ressonância na mesma tônica, assim também aquele ou aquela que libertou interiormente a vibração do princípio pode despertar o seu eco em seu próximo. A voz do silêncio é ouvida, a alma vibra. Ó plenitude!



COMO PRINCIPIA O DISCIPULADO?

A literatura mundial é a depositária de inúmeras evocações relativas à essência divina e ao domínio de vida original da humanidade. A quantidade de mestres e de mensageiros que nos precederam no caminho do Reino de Deus tem sido incalculável. Eles percorreram esse caminho, e seu ensinamento sempre foi simples, claro e coerente para aqueles que, com eles, conseguiram suportar esse “alimento sólido”, segundo as palavras de Paulo.

De quantas maneiras já não terão apresentado a seus ouvintes a verdade divina sob a forma de contos, poesias místicas, cartas, evangelhos e tradições orais? Cada uma dessas formas de expressão é capaz de propiciar uma experiência maravilhosa. Um único “toque”, e o profano interessado se converte em discípulo. Podemos considerar isso como sendo um começo, que frequentemente é comparado a um “renascimento”, pois raramente estamos prontos, no momento desse toque, quando ressoa o chamado da luz, e reagimos de modo desarmonioso. Tão logo ocorra uma reação, tem início um curioso processo comparável a um nascimento, que é marcado por uma série de transformações radicais.

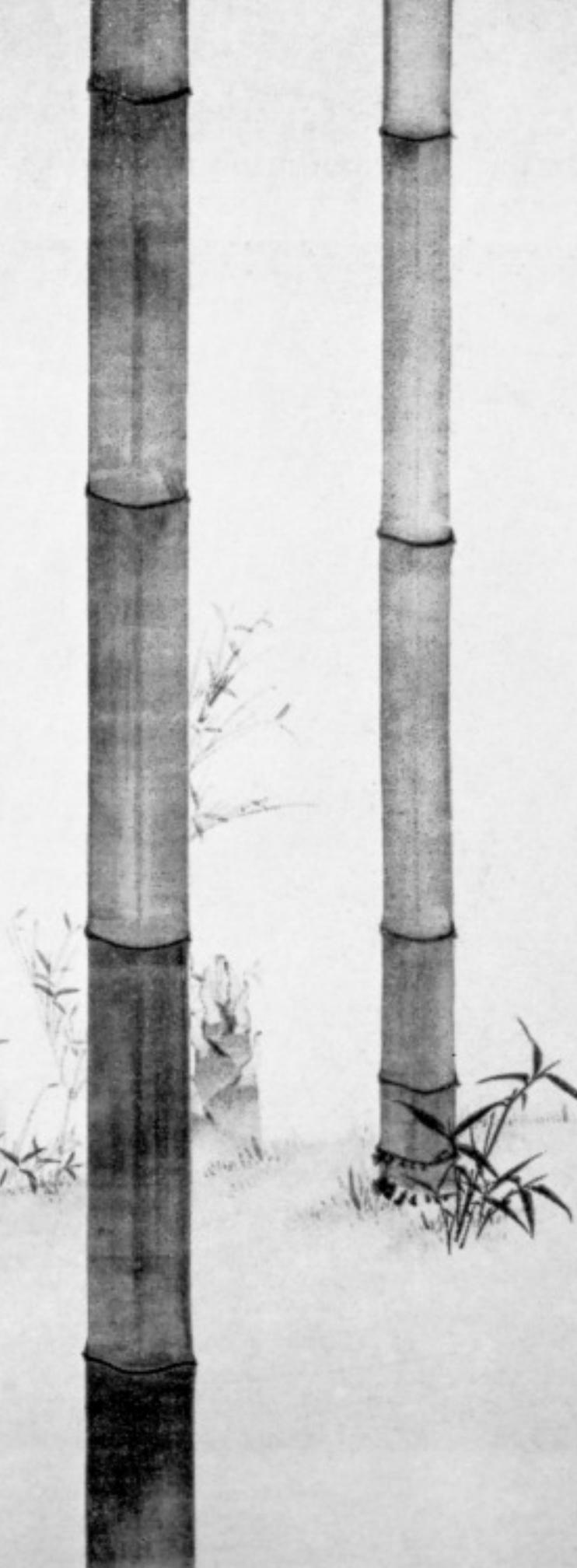
No início, trata-se de uma profunda perturbação, que J. van Rijkborgh denomina “mudança fundamental” ou “grande revolução”. Não se trata de uma mudança de condições

externas ou sociais, mas de uma transformação interior do coração e do cérebro. A mudança do coração refere-se aos desejos. O buscador descobre a vaidade de tudo o que o mundo tem a oferecer, bem como a existência de uma esfera de luz e de paz e de pura dignidade humana. Ele descobre os primeiros indícios do campo de vida dos homens-alma originais. Mas, percebe também que não pode ter acesso a esse domínio do mesmo modo como tem acesso às coisas comuns que deseja.

Para ingressar nesse domínio é preciso possuir qualidades particulares, a saber: a pureza de coração, a compaixão e a paz que emanam do Cristo no homem, pois, é dito: Fonte de uma autêntica atração, Cristo satisfaz plenamente o coração puro que se tornou silencioso¹.

O *Evangelho de Aquário* nos relata de forma muito bela um momento como esse:

E quando chegaram à praia, Jesus o Cristo chamou Pedro, André, Tiago e João e disse: “Pescadores da Galiléia, vede vossas redes! De agora em diante não pescareis mais peixes. A Fraternidade nos reservou uma missão maior; lançai a rede de Cristo a fim de enredar uma multidão de seres à santidade, à beatitude e à paz. Eu me vou, e se quiserdes podeis seguir-me”. E eles abandonaram tudo e o seguiram. E Jesus, caminhando à beira-mar, viu Filipe e Natanael andando pela praia, e disse-lhes: “Mestres de



Betsaida, que por muito tempo ensinastes a filosofia grega ao povo, a Fraternidade tem uma missão mais elevada para nós; eu me vou, podeis seguir-me”. E eles o seguiram. Um pouco mais adiante havia uma casa romana de tributos, e Jesus viu o oficial encarregado; seu nome era Mateus, que certa vez morara em Jericó. Certa ocasião, ele entrara correndo em Jerusalém à frente do Senhor e dissera: “Vede, os cristãos estão chegando!” Mateus era um homem rico e ilustrado na sabedoria dos judeus, dos sírios e dos gregos. E Jesus disse-lhe: “Salve, Mateus, servo fiel dos Césares, salve! A Fraternidade nos chama à casa de tributos das almas; eu me vou; podes seguir-me”. E Mateus o seguiu.

Iscariotes e seu filho, cujo nome era Judas, trabalhavam para Mateus e estavam na casa de tributos. E Jesus disse a Judas: “Deixa teu trabalho; a Fraternidade nos chama para um dever no banco de poupança das almas; eu me vou; podes seguir-me”. E Judas o seguiu.

Em seguida, Jesus encontrou-se com um legislador que tinha ouvido falar do mestre Cristo e viera de Antioquia para estudar na escola de Cristo. Este homem era Tomé, homem cético, mas grande filósofo grego, dono de sabedoria e poder. Mas Jesus viu nele os sinais da fé, e disse-lhe: “A Fraternidade precisa de homens que saibam interpretar a lei; eu me vou; se quiseres podes seguir-me”. E Tomé o seguiu.

E quando caiu a tarde e Jesus estava em casa, eis que chegaram seus parentes, Tiago e Judas, filhos de Alfeu e Miriam. E esses eram homens de fé, e eram carpinteiros de Nazaré. E Jesus disse-lhes: “Trabalhastes comigo e com meu pai José, construindo casas para os homens. A Fraternidade

agora nos chama para ajudá-la a construir casas para as almas, casas construídas sem o ruído de martelo, machado ou serra; eu me vou, e podeis seguir-me”. E Tiago e Judas exclamaram : “Senhor, nós te seguiremos”. E, na manhã seguinte, Jesus enviou uma mensagem a Simão, chefe dos zelotes, escrupuloso expoente da lei judaica. E na mensagem Jesus dizia: “A Fraternidade busca homens que demonstrem a fé de Abraão; eu me vou, e se quiseres podes me seguir”. E Simão o seguiu.²

Foi assim que, de acordo com O Evangelho de Aquário, foram chamados os doze discípulos que seguiram Jesus em suas peregrinações através da Judéia. Esse relato pode ser lido a partir de diferentes níveis. Sua beleza evoca uma atmosfera de pureza imaculada que interpela o leitor. O que ele tem de simples e de direto, vai até o mais fundo do coração. Não é de admirar que tenha tocado tantas pessoas que nele perceberam um chamado, incitando-as à reflexão e à tranqüilidade. O coração espiritual, o “lótus do coração” da mitologia indiana, foi tocado e estimulado a reagir.

O lótus, freqüentemente chamado de “pedra preciosa”, é um princípio proveniente da esfera da eternidade, esfera de paz e de silêncio, e que vibra com uma força evolutiva dinâmica. Nós, que temos de viver no mundo do espaço-tempo, sabemos que, com o tempo, o carma se acumula em torno do lótus que, embora permanecendo intocado, é impedido de desabrochar. E à medida que nosso carma se torna mais pesado devido às nossas ações, nossa consciência se afasta da consciência do lótus. É o esquecimento! Para o budismo, o esquecimento é

a causa dos sofrimentos no mundo: o “lótus do coração”, assim como a personalidade, começa então a fazer suas múltiplas experiências, sempre mais dolorosas.

Porém, existem sempre mensageiros que falam do “lótus do coração”. Na Índia existem os *Játakas*, que são um conjunto de contos relativos ao “nascimento” de Buda e às suas encarnações precedentes. Ao *Theravada* pertence uma coleção de quinhentos e cinquenta histórias que são transmitidas ainda hoje pelos narradores. No Sri Lanka, as verdades e experiências relatadas nos *Játakas*, sempre atraem e despertam o interesse em todos os meios sociais. É assim que os discípulos de Buda se esforçam para propagar seu ensinamento entre as pessoas simples. E, de fato, alguns versículos permaneceram inalterados por longo tempo. As histórias exteriores, normalmente transmitidas em forma de prosa, são elaboradas a partir de alguns versículos de referência e adaptadas ao tempo e às condições do narrador. Em cada nova versão, esses versículos aparecem como pedras preciosas, talhadas, polidas e reluzentes como espelhos.

É fascinante ver como os seres humanos reconhecem a si mesmos nesses velhos contos de milhares de anos. Acaso não possuem também eles uma pedra preciosa no centro de seu ser, aguardando a oportunidade de brilhar? A história de vida dessas pessoas se desenrola de modo corriqueiro em torno dessa pedra. Com toda certeza, a pedra brilha, porém elas não atentam para isso, e do nascimento à morte mantêm-na encerrada na sombra. Mas a compreensão e a purificação oferecem-se para engastar essa pedra preciosa e realçar o seu brilho.

Bambu. Pintura sobre seda de Goshun (1752-1811), Tóquio.



OS JÁTAKAS REFLETEM AS EXPERIÊNCIAS HUMANAS

Os Játakas começam assim: “Era uma vez, quando o rei Brahmadata estava em Benares...” Eles remetem o leitor a tempos míticos, sem localização precisa. As histórias reproduzem situações típicas da vida. Aquele que as ouve identifica-se com elas, pois as imagens ancestrais evocadas podem atuar em cada um. Essas imagens despertam lembranças da origem.

O personagem central dos Játakas é o sábio e virtuoso futuro Buda (também chamado Bodhisattva)³, que aparece como ator, mas na maior parte das vezes como espectador. O Bodhisattva, assim como o “lótus” no homem, está presente, mas, à primeira vista, parece não representar nenhum papel. O lótus, quando desperto de

seu sono e estimulado a agir, gera o autoconhecimento que faz o ser humano regressar a sua origem divina.

O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Nas cidades e vilarejos da Índia pode-se ver com frequência um grande número de pessoas chegando para ouvir um contador de histórias. Um bom narrador somente começa uma história quando tem à sua volta um número razoável de ouvintes. Ele tem de cativar seus ouvintes, ser capaz de fazê-los viver experiências, apresentar-lhes símbolos profundos e despertar neles a lembrança no tocante à sua origem.

Os Játakas só revelam todo seu raio de ação quando tocam a consciência de quem os ouve, que então se identifica com situações ou personagens do conto, chegando a ver a vida como se fosse pelos olhos do Bodhisattva.

O nível em que essa abertura se dá depende da consciência do narrador e da receptividade da assistência. Se o narrador for mestre em sua arte, as vibrações da eternidade far-se-ão sentir no coração dos ouvintes, despertando neles o desejo de reencontrar sua origem divina.

CONTO RELATIVO À TRISTEZA CAUSADA PELA MORTE

Sob o reinado de Brahmadata, nasceu em Benares o Bodhisattva, na família de um rico mercador. Seus pais morreram quando ele era ainda adolescente; seu irmão mais velho assumiu o cuidado da família, porém uma terrível doença também logo o levou. Toda a família, amigos e conhecidos reunidos levantavam as mãos para os céus, lamentando-se e chorando. Apenas o Bodhisattva não expres-

O movimento eterno é eterna mudança. Escultura do Centro de Conferências Renova. Bilthoven, Holanda.

sava nenhuma tristeza. Os membros da família o recriminavam, dizendo entre si: *Vede! O irmão está morto e seu rosto permanece insensível! O coração dele deve ser de pedra! Sem dúvida ele pensa herdar os poderes do irmão. Talvez tenha até mesmo desejado sua morte.*

E eles lhe perguntaram: *Não estás triste?* Tendo-os ouvido falar entre si, o Bodhisattva respondeu-lhes: *Vós vos lamentais porque meu irmão está morto. Em vossa cegueira ignorais as oito propriedades da existência. Acaso eu não morrerrei, assim como também vós? Por que não vos entristeceis por também terdes de morrer? Tudo o que nasce, morre. Nada do que é criado permanece vivo. Devo, pois, chorar porque vós, cegos estúpidos, não compreendeis as oito propriedades da existência neste mundo?* Em seguida, ele recita os versos seguintes:

*Gemeis e chorais um morto,
mas não quem vai morrer.
Todos os que se encontram na
mortalha do corpo
deixam esta vida, um após o outro.
Deuses, homens e animais de
quatro patas,
bandos de pássaros e serpentes
perigosas -
todos possuem um corpo perecível
e devem, um dia, deixar esta vida.
Quando pensamos na efemeridade
das alegrias e das dores,
não vale a pena nos lamentarmos.
Por que estais acabrunhados
pelo pesar?
É teimoso e estúpido aquele que
se entrega ao pecado
e, acreditando ser um grande herói,
toma um sábio por tolo
devido à sua incapacidade de
reconhecer a verdade.*

Com essas palavras, o Bodhisattva exprime a verdade e liberta os aflitos de seu pesar.⁴

A VIDA SUPERIOR DA ALMA

Nesses relatos universais, a grande luz sempre vem em busca da pequena luz, *o sol espiritual* tenta aquecer o lótus em seu exílio no coração humano. Profissão, status e meio social nada representam. Um objetivo e uma alma superiores são o quinhão de todos. As duas âncoras do barco da alma são o coração e a cabeça. Se o lótus em botão um dia se abre, a mudança fundamental age profundamente no santuário da cabeça, influenciando o pensar e a consciência.

A pessoa que, em conseqüência da mudança fundamental, consegue manter com firmeza seu coração e sua cabeça na luz, sabe que o seu ser inteiro passará por um processo constituído de sete etapas.

FONTES:

- 1 Rijckenborgh, J.v. e Petri, C.d., *Réveille!* 2.e., São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1983.
- 2 Levi, *The Aquarian Gospel of Jesus Christ*, 12 e., DeVross & Co, 1988.
- 3 Bodhisattva: aquele cuja essência (sattva) é luz (bodhi).
- 4 Oldenberg, H. *Die Reden des Buddha*, Freiburg: Herder Verlag, 2000.

O ERRO ESTÁ NOS OUTROS, NÃO É?

Com muita freqüência, no ambiente de trabalho, as pessoas estão sempre prontas a criticar os erros e fraquezas de seus colegas, de seus chefes ou de seus subordinados. Na esfera familiar, as crianças opõem suas convicções às de seu país, que por sua vez criticam rispidamente a juventude. A despeito do sofrimento gerado incessantemente pela crítica, com freqüência as pessoas consideram-na positiva. No Sermão do Monte é dito: “Não julgueis, para não serdes julgados”. Como podemos conciliar tudo isso?

As disputas, no decorrer das quais os indivíduos e os grupos se confrontam com argumentos mentais, com palavras e controvérsia, repercutem no campo astral e mental da humanidade. Poluidoras, carregadas de emoção, elas dificultam muito a atividade da *força libertadora* em nosso campo de vida. Em primeiro lugar, existem os sistemas políticos, religiosos e filosóficos, em nome dos quais os homens se combatem acerbamente. E quando a arma da crítica não é suficiente, recorre-se às armas materiais com a finalidade de varrer o outro da face da terra. A mesma coisa acontece nas relações interpessoais. Não são os modos de pensar e o comportamento de uma pessoa insuportáveis para uma outra? E isso não se limita apenas aos adversários. As pessoas com quem vivemos e que dizemos amar sofrem o mesmo tratamento. Um amigo ou um próxi-

mo qualquer desperta em nós as mais impertinentes reações. O ser humano mal tolera que alguém se comporte de modo diferente de seus próprios critérios. Tão logo isso aconteça, ele emite pensamentos malévolos, sarcásticos, até mesmo rancorosos, cuja nocividade não é atenuada mesmo se, eventualmente, consegue refrear sua língua.

O ERRO ESTÁ NO OUTRO

Em geral, a crítica é vista como um meio de fazer reconhecer o bem. A crítica negativa é rejeitada, enquanto que a assim chamada crítica positiva e construtiva é aplaudida, aceitando-se a opinião de que a crítica é indispensável e garante o progresso. Certamente a motivação à crítica sempre parte de uma aspiração à justiça e à perfeição. Porém, podemos nos perguntar se a crítica é de fato um método apropriado para uma melhora do comportamento, pois, com efeito, ela acaba sempre pondo em destaque o ponto fraco das outras pessoas. Raramente refletimos para saber se, na situação em que nos encontramos, estamos realmente em condição de julgar com toda imparcialidade e objetividade. Após um exame, verificamos que vemos os outros e tudo o que nos rodeia como que através de lentes coloridas por nosso próprio campo aural, no qual se manifestam nosso caráter, nosso estado de sangue e nossa consciência. Essas lentes não são nem cor-de-rosa nem transparentes, porque: “Eu” acho que

sempre estou com a razão, pois me comporto de acordo com meu próprio estado de ser e valores. Se “você” vê as coisas de modo diferente, isso é uma ofensa para mim, porque “eu” observo as coisas e ajo da maneira correta, e isso merece reconhecimento e até mesmo admiração. “Eu” me comporto como se fosse rei em meu próprio reino. Por isso sou atacado, pois o “fazer de conta” pertence à ordem da irrealidade. O resultado de tudo isso é a “autoconservação”.

A PRIMEIRA CONDIÇÃO É A CALMA

Cada indivíduo, cada grupo, possui um sistema próprio que difere dos demais sistemas. Tudo é avaliado de acordo com as próprias normas, o que faz que muito pouco seja aprovado. As normas de outras pessoas são vistas como uma ameaça. Ataque e defesa: o conflito com as armas da crítica é mundial. Ora um leva a melhor, ora outro. Que progresso podemos esperar disso? Enquanto prevalecerem os reflexos de agressão, de defesa, a vontade de poder, a autoconservação e a cobiça, o advento de uma nova ordem em harmonia com *as leis divinas* continuará sendo uma ilusão.

O “caminho de retorno” para a unidade com as leis da vida original é incompatível com a propensão ao julgamento. A “harmonia com Deus, com o mundo e com tudo o que nele vive” parte de uma ligação vivente, de uma fusão em um outro nível, onde a crítica está excluída. Uma tal união não pode surgir à sombra da opinião, do julgamento e da crítica, pois é precisamente isso que gera divisão entre “meu” e “teu”, em “aqui, certo” e “lá, errado”. Jamais podemos ter uma compreensão total da realidade comum, e muito menos da Ordem eterna, pois

os preconceitos e as viseiras que eles impõem sempre a impedem.

Uma das primeiras condições para a receptividade e a compreensão é a calma. Porém, a calma é combatida pelo fluxo ininterrupto de ataque e defesa que minam a razão e o sentimento e acabam forçando o indivíduo a uma atitude crispada de autoconservação. A chama da crítica consome o corpo e a alma, inibindo todo impulso de bondade, mansidão e indulgência. Aquele que julga raramente exerce uma influência benéfica em seu meio ambiente. As pessoas vítimas da crítica sempre ocultam aquilo que possuem de gentileza e afabilidade e acabam por mostrar-se agressivas, dando, desse modo, àquele que as critica, uma justificativa para suas censuras. Que miséria e tristeza resultam de semelhante comportamento! Aquele que o cultiva denigre a realidade impondo-lhe o reflexo de sua própria pequenez. Desse modo, a multiplicidade ilimitada da existência, a riqueza incomensurável do mundo e sobretudo a luz do campo criador original permanecerão desconhecidos para ele. Se lhe fosse possível pôr um fim a esse conflito, ele ficaria livre. Ele já não seria coagido pela pressão da crítica e ver-se-ia livre dos preconceitos encapsulantes. A crítica não só impede a receptividade a novo entendimento, como também sufoca todo germe de compreensão em outras pessoas. Qual criatura é totalmente livre para levar uma vida isenta de crítica quando é atacada de todos os lados? Aquele que critica dá alimento à situação que o desagrada. A crítica tudo paralisa. Quando alguém aceita uma crítica “positiva” e tenta se transformar, isso não passa, muitas vezes, de uma transformação que se ajusta ao ponto de vista do crítico. Raramente a crítica visa a liberação do



potencial de novas possibilidades de vida que estão latentes na outra pessoa. Assim, inúmeras são as pessoas que vivem segundo os valores alheios, por medo da crítica, e que, desse modo, bloqueiam o próprio desenvolvimento.

AUSÊNCIA DE CRÍTICA É UMA OBRIGAÇÃO?

Quem quer que encete o caminho da libertação da alma assume a responsabilidade por si mesmo e pelo mundo. Trata-se aqui da responsabilidade pelo nascimento do Original em si e nos outros. Para assumir essa responsabilidade é preciso estar livre da crítica. Mas, como desfazer-se dos próprios preconceitos, como renunciar a todos os critérios usuais da vida cotidiana sem cair no excesso de liberdade, na negligência dos deveres e na busca dos próprios interesses? Como a ausência de crítica influencia o trabalho de uma escola espiritual? Não nos arriscamos com isso a criar ilusões? Muitas perguntas surgem pelo fato de se considerar a abstenção de crítica como uma obrigação, como uma regra. A ausência de crítica forçada não leva

a nada de novo e, desse modo, também não é evocada a influência salutar e suave da verdadeira ausência de crítica. É apenas na calma interior que podemos reconhecer os efeitos devastadores da crítica, tanto nos outros como em nós mesmos. A serenidade, um certo estado interior de neutralidade, bem como uma certa lucidez, tornam uma pessoa simples e modesta: “eu também estou cheio de defeitos e impurezas; o outro também está se esforçando”. O amor e a compaixão que surgem dessa atitude favorece cada vez mais o surgimento da ausência de crítica. Aquele que aspira a um novo estado de consciência e trabalha para isso conhece cada vez mais a liberdade, a unidade e a verdade, em detrimento da tendência para a autoconservação. Ele não pode agir de outro modo. Sendo o amor sempre brando e generoso, ele o experimenta como benéfico para si mesmo e para os outros. Ele já não deseja viver sem esse amor. É por isso que suporta as críticas, justificadas ou não. Porém, se ele reagir, se houver uma rejeição, o amor se retira imediatamente. E não poderia ser diferente. Neste mundo, nesta ordem de emergência em que

nos encontramos, a justiça perfeita é uma impossibilidade. Entre o juiz e o acusado existem tão-somente diferenças de responsabilidade. O homem que aspira à libertação sabe que no novo campo de vida não existem faltas nem críticas, uma vez que seu fundamento é o Amor, da mesma forma como aqui embaixo prevalece a alternância dos contrários, tal como o dia e a noite. Para ele, os critérios dos outros não são determinantes. Não por uma questão de arrogância, mas sim porque ele se entrega ao Amor, que é o valor fundamental do campo divino original, onde a personalidade auto-conservadora é dissolvida.

O NOVO CAMPO DE VIDA NÃO JULGA

Dentro do quadro de regras em vigor na sociedade, o homem sempre se perguntará se uma eventual crítica que lhe seja feita é justificada.

Contudo, ele sabe que quando se abre para a vida original, seguramente não será julgado por esse campo superior, pois, *quem poderá subsistir?* (Apocalipse, 6:17). Ele é livre porque aceita tudo o que se apresenta, pois percebe sua verdadeira essência. Caso veja que algo de errado ameça acontecer, ele, ao contrário, se abstém de toda atitude crítica, trata imediatamente de prestar uma ajuda construtiva, um socorro, quando as circunstâncias se apresentam, esforçando-se para manter a ligação com o campo original.

Ao entrar em contato com pessoas que não seguem o caminho da alma indicado pela Escola, é tentador pensar que toda a vida se baseia na auto-conservação e que, portanto, a prática da crítica é algo normal. Contudo, podemos deparar-nos também com pessoas que seguem o caminho e, não obstante, colocam-se como “críticos”.

Porém, dos alunos que se sentem ligados a esse caminho, espera-se um comportamento diferente. Ao vermos certos alunos adotarem uma atitude crítica, podemos assustar-nos com a idéia de que o trabalho da Escola Espiritual venha a ser ameaçado por semelhante prática. Essa idéia é insustentável, pois não representa a Escola nosso mais elevado ideal?

Mas, por experiência própria, sabemos que não se pode remediar as imperfeições combatendo-as. Temos de instaurar algo novo.

Muitos dirão: *Confiar é muito bom, mas a advertência e o controle às vezes são indispensáveis. O trabalho da Escola é uma coisa muito importante para ser confiado a qualquer um que não esteja à altura. Quando necessário, deve-se intervir.* Certamente, nem sempre é compensador depositar nossa confiança em pessoas imperfeitas; certamente, a advertência e o controle parecem mais eficazes. Mas, quando confiamos nas novas possibilidades ofertadas pela *Gnosis*, surpreendemo-nos com o poder que nos é outorgado: descobrimos *a força construtiva do Amor*. Não somos nós que amamos, pois como seria isso possível? É o Amor que atua através de nós, através de cada um de nós, de acordo com nossa aspiração, e que chama cada um de nós para a sua tarefa e a sua responsabilidade. É uma nova energia que eclode em cada um como paciência, amor e compreensão. Ela purifica, encoraja e retifica o comportamento, pois o despertar do átomo-centelha do espírito *em cada um* aumenta a sensibilidade e expande o campo da consciência. Em uma Escola Espiritual como a do Lectorium Rosicrucianum, o importante não é a confiança em uma personalidade imperfeita, mas a confiança na energia perfeita da *Gnosis*.



O CAMINHO DA ROSACRUZ
NOS DIAS ATUAIS



O CAMINHO DA ROSACRUZ NOS DIAS ATUAIS

A Escola Internacional da Rosacruz Áurea tem como missão ensinar a base, a razão e o objetivo da vida ao ser humano inquieto que busca respostas às questões fundamentais da existência. Em seu sentido mais profundo, ela revela-se a concretização de um poderoso campo de força, capaz de resgatar todos aqueles que se colocam em prontidão para ser alçados a uma nova vida.

A proposta deste livro é dar uma idéia da manifestação atual, de seu trabalho e da meta da Rosacruz moderna.



EDITORA
Rosacruz

72 pgs.

ISBN : 85-88950-14-6

RS 7,00

EDITORA ROSACRUZ

Caixa Postal 39 - 13.240-000 - Jarim - SP - Brasil

Tel (11) 4016.4234 - fax 4016.3405

www.editorarosacruz.com.br

info@editorarosacruz.com.br



O CHAMADO
DA FRATERNIDADE ROSACRUZ
J. VAN RIJCKENBORGH

O CHAMADO DA FRATERNIDADE ROSACRUZ

J. van Rijckenborgh

Considerado o primeiro documento a declarar publicamente a existência da Rosacruz Clássica, a Fama Fraternitatis extrapola os limites das palavras e toca a própria alma dos homens, exortando-os a vivenciar a arte real da reconstrução do templo interior.

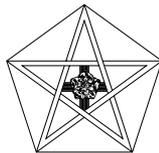
Trata-se de uma obra esotérica de valor inestimável que se revela, através da análise que a acompanha, como fonte de força espiritual e luminoso fanal para todos aqueles que buscam o inefável dentro de si.



EDITORA
Rosacruz

464 pgs.
ISBN | 85-88950-15-4
R\$ 40,00

EDITORA ROSACRUZ
Caixa Postal 39 - 13 240 000 - Jarinu - SP - Brasil
Tel (11) 4016.4234 - fax 4016.3405
www.editorarosacruz.com.br
info@editorarosacruz.com.br



O Todo-poderoso não imputa ao homem nem o bem nem o mal. É o obscurecimento do entendimento pelo não saber que lança as criaturas no extravio. Porém, aquele em quem o conhecimento mediante a alma repele o não-saber, nele se ergue, como um sol, a mais elevada sabedoria.

*(O Bhagavad Gita, O Cântico do Senhor.
Em: A glória do amor, p.7)*